

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

ISTO NÃO É UM AFLORAMENTO! É UMA ROCHA DE ARTE RUPESTRE... FACTORES POTENCIAIS DE ESCOLHA DE SUPERFÍCIES DE ARTE RUPESTRE NA FASE ANTIGA PALEOLÍTICA DA ARTE DO CÔA

António Batarda Fernandes¹

RESUMO

Na literatura especializada de arte rupestre encontram-se várias referências ao papel que diferentes factores, em contextos crono-espaciais diversos, poderão ter desempenhado na escolha de superfícies a pintar e/ou gravar. Tom, proeminência ou localização topográfica das superfícies pétreas, encontram-se entre os mais frequentemente mencionados. O objetivo deste artigo é analisar sinteticamente a relevância de factores usualmente referidos na bibliografia aquando da escolha de rochas suscetíveis de serem sujeitas a atenção artística durante a fase antiga paleolítica da Arte do Côa. Tal análise terá necessariamente de examinar até que ponto questões de preservação diferencial permitem ou não retirar conclusões pertinentes acerca da importância de cada um dos factores discutidos.

Palavras-chave: Arte Rupestre do Côa, Graveto-Solutrense, Preservação Diferencial.

ABSTRACT

Several references to the role that different factors, within diverse chronological and geographical contexts, may have played in the choice of surfaces to be painted and/or engraved can be found in the rock art literature. Tone, prominence or topographic location of stone surfaces, are some of the most frequently mentioned. The purpose of this paper is to synthetically analyze the relevance of usually mentioned factors in the choice of rock surfaces susceptible of being subject to artistic attention during the Côa Art archaic Upper Palaeolithic period. Such an analysis will necessarily have to examine the extent differential preservation issues allows to draw pertinent conclusions about the importance of each factor in the choice of surfaces.

Keywords: Côa Valley Rock Art, Gravettean-Solutrean, Differential Preservation.

1. INTRODUÇÃO

Na literatura especializada de estudos de arte rupestre diversas referências mencionam determinados factores como relevantes na escolha de superfícies pétreas que foram sujeitas a intervenção artística (ver, por exemplo, Leroi-Gourhan, 1992, pp. 215-259, 349-376; Steinbring, 1992; Bradley, 2000; Nash & Chippindale, 2004; Bahn, 2016, pp. 201-216,

312-320).² Os modelos interpretativos apresentados nessas análises constituem-se, conquanto possuindo diversos cambiantes epistemológicos determinados pelos diferentes contextos de investigação, como abordagens a uma das questões mais recorrentes nos estudos de arte rupestre: “Porquê arte rupestre aqui, neste(a) afloramento/superfície/gruta, e não noutra(s)?”. Para além das questões de filosofia de ciência acima aludidas, esses mesmos con-

1. Fundação Côa Parque, Rua do Museu, 5150-629 Vila Nova de Foz Côa; antoniobatarda@arte-coa.pt.

2. Sendo variadas as referências, indicam-se somente, devido a constrangimentos de espaço no presente escrito, estes trabalhos como pontos de partida para uma pesquisa mais alargada sobre esta temática. No entanto, ao longo do texto e quando considerado relevante, serão citadas referências pertinentes para a análise de cada factor.

textos de investigação, nomeadamente a cronologia e localização da arte rupestre estudada, determinam também a preferência por modelos interpretativos que destacam a importância de determinados factores potenciais de selecção em detrimento doutros. Tais escolhas serão explicadas pela grande diversidade global de entornos onde existe alguma forma de arte rupestre. Por outro lado, autores há que apenas marginalmente, ou mesmo de todo, valorizam o papel de potenciais factores de escolha no fenómeno “Arte Rupestre”, sugerindo que questões de preservação diferencial, e graus elevados de destruição do registo rupestre ao longo dos anos, não permitirão tomar a pequena *parte* hoje existente pelo *todo* original (ver, por exemplo, Bednarik, 1994).

Como já bastamente notado, cada caso é um caso e se optimistamente será possível extrair dados relevantes de análises à escala local ou mesmo regional que informem modelos de aplicação a uma escala global (Fernandes, 2017), o propósito deste artigo é o de analisar se na arte de cronologia Graveto-Solutrense do Vale do Côa se encontram indícios que permitam aquilatar da relevância de potenciais factores de escolha, apresentando ainda uma visão de conjunto mas sintética sobre o que neste momento se pode avançar relativamente ao caso particular do Côa.³ Dando mais relevo a um ou outro atributo e em maior ou menor detalhe, tal sugestão pode ser encontrada nos escritos de autores que nos últimos 20 anos têm lançado o olhar sobre a arte rupestre de cronologia paleolítica do Côa (Baptista & García Díez, 2002; Jorge, 2003; Baptista, Santos & Correia, 2006, 2008a, 2008b; Fernandes, 2012, 2016a; Santos, 2012; Reis, 2011; Fernandes & *alii*, 2017). Assim, pretende-se cotejar os atributos potenciais de escolha que se tem vindo a mencionar no estudo do *corpus* mundial de arte rupestre com o caso particular da Arte do Côa de fase antiga e discutir sucintamente quais se poderá considerar terem desempenhado um papel relevante em tempos Graveto-Solutrenses.

3. Este período foi escolhido por ser aquele que apresenta arte parietal de características mais ‘monumentais’ (Baptista, 2009, pp. 166-183), cuja dimensão simbólica, de necessidade de transmissão eficiente de conteúdos, e, portanto, de escolha dos suportes mais apropriados, terá tido maior importância.

2. ACERCA DAS QUESTÕES DE PRESERVAÇÃO DIFERENCIAL DA ARTE RUPESTRE GRAVETO-SOLUTRENSE DO VALE DO CÔA

As questões de preservação diferencial relativas à Arte do Côa da fase mais antiga, mas também de cronologia posterior, têm vindo a ser intensamente debatidas pelos investigadores que se interessam pelo tema. Embora cada siga a sua própria abordagem, é numa forma geral possível distinguir duas grandes perspectivas discordantes: uma que ensaia demonstrar que a perda de motivos e superfícies de arte rupestre terá sido elevada ou mesmo muito elevada ao longo dos 20, 25 milénios que hoje nos separam da fase mais antiga (Baptista, 2009, 130-131; Aubry & *alii*, 2010; Aubry, Luís & Dimuccio, 2012, 2014-2015) e outra, onde o autor se inclui, que tenta evidenciar que a taxa de preservação até aos nossos dias da arte desse mesmo período é razoável se não mesmo muito razoável (Fernandes, 2012, 2016b; Reis, 2011; Fernandes & *alii*, 2017).⁴ Embora seja um truísmo afirmá-lo, julga-se importante realçar que um fenómeno multifacetado como a arte rupestre, imanente dum ser complexo como o *Sapiens sapiens*, é necessariamente... complexo. Assim, diferentes perspectivas terão o seu cabimento contribuindo para que estejam disponíveis interpretações *diversas*, complementares por não serem completamente antagónicas, e que contribuem para ampliar o conhecimento contemporâneo acerca de tal fenómeno, ou conjunto de fenómenos, como é a arte paleolítica do Vale do Côa.⁵ Embora as duas perspectivas apresentem argumentos refutáveis, mas de índole necessariamente especulativa, já que é impossível saber exactamente o que se terá perdido completamente, o autor acredita que este debate académico revela a apreciável dinâmica científica que tem sido possível mobilizar em torno do estudo da arte rupestre do Vale do Côa. Por sua vez, esta di-

4. Não será possível nesta ocasião detalhar aprofundadamente os argumentos apresentados por ambas abordagens, remetendo-se pois o leitor para a consulta das referências indicadas.

5. Sublinhe-se que Bahn (2016) identifica e discute, no contexto específico da arte parietal da Europa Ocidental do Paleolítico Superior, onde a Arte do Côa se insere, formal e tematicamente, a influência de diversos atributos na escolha das superfícies a gravar e/ou pintar.

versidade de perspectivas concorre igualmente para apresentar aos visitantes que demandam o Côa narrativas/interpretações plurais acerca da arte rupestre enriquecendo assim a visita pública ao Museu do Côa e Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC). Se as questões de preservação diferencial são relevantes na análise que seguidamente se apresenta, merecendo consideração particularizada relativamente a cada um dos factores discutidos, é importante notar que todo o estudo dum determinado conjunto de arte rupestre se realiza hoje a partir dos dados existentes e que se preservaram no decurso da passagem dos milénios (ver também Reis, 2011, pp. 39-41). Por exemplo, no caso do Côa, a análise estatística das diferentes espécies representadas na arte paleolítica da fase antiga é feita precisamente a partir do sobrevivente acervo rupestre. Ou seja, e apresentando somente um exemplo concreto dos muitos que se poderão invocar acerca do enviesamento de olhar acerca dum *todo* passado do qual hodiernamente apenas *parte* se pode apreciar, se o registo rupestre original paleolítico tivesse sobrevivido na sua totalidade talvez a espécie que hoje determinamos como a mais representada (o bóvídeo, ver Baptista, 2009, p. 113) fosse suplantada, mesmo que marginalmente, por outra. Um maior ênfase dado a uma fraca taxa de preservação impedirá ainda a asserção de modelos interpretativos acerca da organização espacial da arte arcaica do Côa que propõem uma articulação entre as diversas rochas gravadas e motivos aí contidos. Se muito se perdeu, as vinculações entre rochas e motivos hoje observáveis ter-se-ão estabelecido no passado Graveto-Solutrense numa forma actualmente não observável.⁶ Considerando uma taxa de preservação muito fraca ou mesmo fraca, tais constrangimentos, deveriam coibir a realização de estudos que tenham como ponto de partida os dados hoje disponíveis, ao que se supõem, muito incompletos. Tal concorrerá para restringir (ainda mais) o que é no presente possível inquirir cientificamente acerca da arte paleolítica da fase antiga do Côa ou doutros sítios de cronologia e contexto geográfico semelhante

6. Refira-se que modelos desta índole, que o autor reputa de propostas relevantes que ajudam a enriquecer o conhecimento contemporâneo acerca do fenómeno arte rupestre, foram avançados para vários sítios de arte rupestre da fase arcaica do Vale do Côa (Baptista, Santos & Correia, 2006, 2008a, 2008b).

ou mesmo díspar. Pelo contrário, se a taxa de preservação for razoável ou mesmo muito razoável, as considerações estatísticas, que no fundo informam na base todos os estudos interpretativos de arte rupestre no que se refere aos temas representados, técnicas pictóricas, bem como extrapolações relativas à existência dos nossos antepassados paleolíticos, nascença da arte, e à própria história da espécie, terão um maior grau de aceitabilidade, já que se terá perdido uma menor quantidade do todo original. Embora se possa dizer o mesmo relativamente ao registo arqueológico *lato sensu*, tal não deve impedir, como não tem impedido, que se tentem estabelecer, a partir dos dados existentes, teorias interpretativas, i.e. grandes narrativas, que almejam conhecer e sistematizar os diversos componentes do processo de evolução humana. Paralelamente, não será o caminho mais interessante assumir uma completa perda de inocência pós-modernista, no sentido de no limite não existir uma *verdade* ou mesmo *verdades* científicas, como final ou incontornável. Sugere-se que o conhecimento científico é construído de forma contingente necessariamente plural. Aliás, a moderna psicanálise sugere que o *Sapiens sapiens*, a nível individual, mas também como espécie, nunca conseguirá conhecer-se totalmente; saber precisamente qual(is) a(s) sua(s) *verdade(s)* (Zizek, 1989). Neste sentido, para além do facto da arte, da ciência ou da religião, em conjunto e/ou separadamente, poderem ser entendidas como tentativas de chegar a patamares de *verdade*, nas diversas escalas ontológicas em que os seres humanos operam, será impossível não projectar o presente, inalienável de todas as suas cargas ideológicas, vivenciais, ou de personalidade, na visão que o sujeito observador tem sobre um qualquer fenómeno histórico, fazendo assim com que este mesmo momento presente determine a forma como contemporaneamente se lê e estuda o passado (Khader, 2013). Por conseguinte, também relativamente à matéria aqui especificamente tratada, poderemos afirmar que o que ainda hoje sobrevive é suficientemente relevante para daí inferir indicações relevantes acerca dum complexo rupestre original e sua importância na vida paleolítica?

3. IDENTIFICAÇÃO E DISCUSSÃO DOS FACTORES POTENCIAIS DE ESCOLHA

A lista que seguidamente se apresenta discute os diversos factores potenciais de escolha comum-

mente referidos, conjuntamente com as atinentes questões de preservação diferencial, e considerando o caso específico da arte de fase antiga do Vale do Côa. Se por um lado se tentará balizar a discussão pelo estritamente necessário a uma abordagem inicial de conjunto a este tema, nota-se também que estes factores podem encontrar-se numa situação de interdependência relativamente à sua acção no contexto específico da Arte de fase antiga do Vale do Côa, o que conferirá um grau elevado de complexidade a tal análise. Por outro lado, optou-se por uma abordagem micro-local e local que embora tenha de considerar todo o contexto regional se foca essencialmente na escala do afloramento individual (*Existência prévia de motivos e Características físicas das superfícies gravada*) e na dos conjuntos de arte rupestre (*Inserção espacial dos afloramentos gravadas*). Finalmente, as inferências que informam a discussão deste caso específico resultam da observação empírica decorrente do trabalho de campo levado a cabo nos últimos 17 anos, das conversas tidas com um vasto conjunto de colegas do PAVC e outros especialistas que têm desenvolvido investigação no Côa, assim como dos vários estudos dados ao prelo sobre todas as questões conexas à que presentemente se analisa.⁷

3.1. Existência prévia de motivos

Num artigo presentemente em fase final de publicação (Fernandes, no prelo), o autor propõe que, juntamente com outras características como sejam temas representados e cânones artísticos seguidos, as diversas rochas com motivos de fase antiga no Vale do Côa em situação de sobreposição fornecem indícios claros acerca da dimensão simbólica desta arte. É argumentado que a escolha de determinados painéis e de áreas específicas de painéis onde já figuravam motivos gravados para sobrepor novas representações terá sido propositada, uma forma de perpetuar conteúdos ou mesmo comunicar novos significados no local considerado apropriado para tal. Nota-se que nestes casos se terá deliberadamente sobreposto motivos no topo de representações já existentes, quando em muitas destas superfícies existiriam áreas disponíveis onde nenhuma gravura foi aposta. Se razoavelmente será impossível afirmar que todos os afloramentos gravados na fase Graveto-Solutrense

7. Ver, entre outras, as referências indicadas na Introdução e secção anterior.

teriam disponíveis áreas que não tenham sido gravadas, pode contudo hoje constatar-se que subsistem diversas Rochas com motivos desta cronologia sobrepostos *intencionalmente* (Baptista, 2009, pp. 142-146). De entre estas, podemos particularizar os casos das Rochas 3 da Penascosa (ver Baptista, 2009, pp. 24-25, 86-87) ou 1 da Canada do Inferno (*ibidem*, pp. 22-23) (ver também discussão sobre *Qualidade*).⁸

3.2. Características físicas das superfícies gravadas

3.2.1. Tom

Esta característica das superfícies gravadas será uma das mais difíceis de considerar como factor de escolha, já que os afloramentos xistosos do Vale do Côa apresentam tonalidades muito díspares, por vezes até no mesmo painel sendo impossível determinar como esses tons se terão modificado no decurso dos milénios. Constituem-se como questões de preservação diferencial das colorações no momento Graveto-Solutrense de gravação das superfícies gravadas, a colonização biológica (nomeadamente por micro-organismos, líquenes e briófitas), a localização em leito de cheia, a deposição de sedimentos, lixiviações várias ou a migração de materiais ferrosos do interior das rochas em direcção à superfície (Rodrigues 2003, p. 426). Assim, este será um factor a não considerar.

3.2.2. Qualidade

Opta-se por listar esta característica dos afloramentos destacadamente como *Qualidade* embora também se pudesse incluir neste item a dureza ou textura das superfícies gravadas. Acredita-se que não traduzindo todos estes termos exactamente os mesmos atributos, acabará por ser *Qualidade* a designação que melhor descreverá o que terá constituído uma condição determinante na escolha dos painéis e afloramentos a gravar. De facto, como nota Mário Reis (2011, pp. 44-54), a existência de áreas coesas, relativamente uniformes, e apresentando dinâmicas de degradação (Fernandes, 2014) em estado de desenvolvimento incipiente, terá sido condição preferencial para a gravação de motivos, não só em

8. Devido às contingências de espaço da presente publicação, não será possível apresentar figuras ilustrando os casos de Rochas específicas do Côa mencionados ao longo deste artigo. Assim, citar-se-ão, na primeira menção de cada caso no texto, publicações onde se encontram disponíveis fotografias e desenhos pertinentes para os exemplos apresentados.

tempos Graveto-Solutrenses. Estas áreas evidenciam a resiliência dos xistos regionais (Rodrigues, 2003), mas também dos granitos da zona mais setentrional do PAVC, nomeadamente do Núcleo de Arte Rupestre da Faia (Reis, 2011, pp. 58-59), já que sobreviveram figuras gravadas em condições razoáveis ou muito razoáveis de conservação desde, tempos Graveto-Solutrenses, há cerca de 25.000 anos. Todas as superfícies gravadas, ou não, resistiram até aos dias de hoje apresentando em maior ou menor grau sinais da passagem do tempo sendo útil considerar este factor, no que toca às questões de preservação diferencial, conjuntamente com o que abaixo se menciona acerca da *Orientação cardinal dos afloramentos gravados*. De qualquer modo, adianta-se que, tendo sempre em conta a tal resiliência dos xistos locais, sendo os afloramentos a face visível de famílias de diáclases regionais, apresentando superfícies lisas e, no limite, minimamente, coesas, será de admitir que a perenidade dessas mesmas superfícies como um todo estará mais dependente dos mecanismos de instabilização gravitacionais do que das dinâmicas superficiais de perda, pese embora os *não muito* numerosos casos de perda parcial de motivos por ‘desplacagem’ superficial hoje observáveis.

3.2.3. Forma

Aqui não se considera o contorno detalhado dos afloramentos, passível de ser integrado em figuras rupestres, e por isso considerado na subsecção *Potencial para a integração de formas naturais pré-existentes nos motivos*, mas sim a forma global do afloramento. No Côa, um caso específico sugere que a área que foi gravada terá sido determinada pela forma do painel. É o caso da Rocha 3 da Penascosa, em terá sido a forma longitudinal do painel a delimitar a ‘tela’ a utilizar pelos artistas paleolíticos. De qualquer modo, este caso concreto *não sugere uma escolha deliberada* dum determinado afloramento mas sim um condicionamento à gravação. Assim, sendo aqui discutido por ser referido na bibliografia especializada, este factor não é considerado como aplicável no caso do Côa.

3.2.4. Volume

A grande maioria das Rochas do Côa com arte Graveto-Solutrense apresentam volumes consideráveis – o que também poderá ter contribuído para um maior destaque na paisagem destas superfícies (ver *Proeminência*) – apresentando ainda hoje gran-

des ou médias superfícies gravadas. Como exemplos, podem citar-se todas as Rochas de fase antiga da Penascosa, da Ribeira de Piscos, nomeadamente a 13 (*ibidem*, pp. 138-139), ou da Canada do Inferno. Questões de preservação diferencial tornam complexo supor um volume equivalente ou igual dos afloramentos aquando da sua gravação. No entanto, nota-se que a ter havido mudanças elas ocorreram apenas num ‘sentido’. Ou seja, as rochas poderão ter perdido secções, nunca ganhando novas. Assim, afloramentos, originalmente já de dimensões bem razoáveis, poder-se-ão ter reduzido, nunca ficado maiores. Como tal, propõe-se que hoje, dependendo evidentemente dos casos específicos, ainda se conseguirá observar porções razoáveis ou mesmo sensivelmente totais dos volumes existentes à época de gravação.

3.2.5. Inclinação dos afloramentos

Num trabalho anterior (Fernandes, 2014, pp. 94-95), o autor notou que painéis gravados do Vale do Côa de cronologia paleolítica de fase antiga, todos possuindo configuração vertical, apresentam pendores de todo não negligenciáveis das suas superfícies. Tal facto foi associado à pressão gravitacional motivada pela localização dos afloramentos em encostas de pendente relativamente acentuado. Contudo, uma vez que será impossível determinar as inclinações apresentadas pelos afloramentos gravados em tempos Graveto-Solutrenses, este atributo não será considerado.

3.2.6. Potencial para a integração de formas naturais pré-existentes nos motivos

Este atributo foi analisado de forma desenvolvida em publicação recente sobre as rochas da fase antiga do Vale do Côa mas também de Siega Verde (Fernandes & alii, 2017). Em ambos os sítios, dado o número razoável de motivos em que é possível sugerir a integração de formas naturais (contorno das superfícies rochosas, fracturas, zonas convexas ou côncavas) das superfícies rochosas nos motivos gravados, aliás documentada noutras ocorrências em França e Espanha de arte da mesma cronologia (*ibidem*, p. 293), concluiu-se que este atributo poder-se-á ter constituído como um potencial factor de escolha das superfícies a gravar. Relativamente a questões de preservação diferencial, foi ainda sugerido que estes casos evidenciam, em menor ou maior grau, uma conservação *óptima* das áreas pre-

cisas dos afloramentos rochosos onde foram *directamente* inscritos motivos gravados integrando formas naturais pré-existentes (*ibidem*, pp. 298-311). Por outro lado, foi ainda possível identificar outros casos em que não existindo um aproveitamento de formas pré-existentes contudo se verifica que diferentes planos dos afloramentos onde foram apostas representações artísticas se apresentam num estado de conservação semelhante ou mesmo idêntico ao que teriam no momento Graveto-Solutrense de gravação (*ibidem*, p. 310).

3.3. Inserção espacial dos afloramentos gravados

3.3.1. Orientação cardinal

Este atributo dos afloramentos gravados, e sua conexão com questões de preservação diferencial, tem sido amplamente discutido, ao longo dos últimos 20 anos, no quadro dos projectos de investigação levados a cabo no Vale do Côa. Remetem-se pois os leitores para a leitura das referências bibliográficas acima citadas, nomeadamente dos artigos mais recentes. Aqui notar-se-á, contudo, que se considera que as questões de preservação diferencial enunciadas por Aubry, Luís e Dimuccio (2012, 2014-2015) explicarão apenas em parte a preponderância de motivos paleolíticos da fase antiga em afloramentos orientados a SE quando existiam, em tempos Graveto-Solutrenses, superfícies expostas a outras orientações, nomeadamente NW e, no caso específico do Núcleo de Arte Ruprestre da Penascosa, também W. Argumentos apresentados relativamente à preservação preferencial dos painéis de arte ruprestre *hoje* conhecidos não deixam de ter, considerando também a complexidade de todos os fenómenos multifacetados e interligados que promovem a degradação da arte ruprestre, um âmbito necessariamente especulativo, nomeadamente ao afirmar-se que a “primeira fase da arte paleolítica apenas se preservou durante o último Máximo Glaciar porque esteve, e alguma dela ainda estará, coberta por depósitos aluviais e coluviais” (Aubry, Luís & Dimuccio, 2014-2015, p. 154). Assim sendo, sugerir que foram as superfícies orientadas a SE as que “tiveram melhores condições de preservação” (*ibidem*, p. 168) por oposição àquelas expostas a NW, será irrelevante (além de complexa demonstrabilidade no que concerne ao papel da Biodeterioração nos processos de degradação, ver Marques & *alii*, 2014) porque *toda* a Arte da fase antiga do Côa (ou uma grande maioria) hoje conhecida apenas terá sobrevivido por ter esta-

do soterrada durante muitos milénios por depósitos mobilizados pelo rio ou caídos das encostas.

Se de facto todos os processos que moldaram a paisagem contemporaneamente reconhecida de arte ruprestre do Vale do Côa são por natureza dinâmicos, manifestando-se ao longo do tempo geológico, os trabalhos de escavação levados a cabo na Rocha 1 do Fariseu, coberta por camadas sedimentares pleistocénicas e holocénicas que praticamente tapavam a totalidade dos seus quase três metros de altura (Aubry & *alii*, 2010; Baptista, 2009, pp. 54-67), forneceram indicações que importa valorizar. A camada estratigráfica mais antiga que foi possível datar evidencia que a maior parte da Rocha 1 não estaria ainda coberta e portanto disponível para gravação em momentos anteriores a pelo menos 18.400 anos BP (Aubry & *alii*, 2010). Mais significativamente, a cronologia da sequência estratigráfica identificada demonstra que a Rocha terá estado *exposta*, durante períodos posteriores paleolíticos, aos efeitos perniciosos para a conservação das suas figuras gravadas promovidos pelo clima mais agressivo do último Máximo Glaciar. Assim, bastas representações artísticas de fase arcaica identificadas neste afloramento densamente gravado⁹ sobreviveram, expostas, aquando da fase final do último Máximo Glaciar, tendo em conta as datações obtidas para as camadas pleistocénicas mais recentes que progressivamente foram cobrindo o painel (Aubry & *alii*, 2010). Ora, se é verdade que este afloramento é somente um de quase uma centena de superfícies com figurações da fase antiga, não é menos certo que esta é a única Rocha de Arte Ruprestre identificada (e escavada) até hoje no Vale do Côa soterrada por níveis pleistocénicos, mesmo se apenas parcialmente já que uma porção dos sedimentos soterrantes são de cronologia holocénica. Assim, os dados obtidos na escavação *desta* Rocha não permitirão assertar um modelo de preservação das Rochas com Arte da fase antiga do Côa assente no seu enterramento em larga escala durante a fase final do último Máximo Glaciar.

9. É interessante notar que a atribuição de mais de 20.000 anos aos motivos da fase antiga desta e doutras rochas do Vale do Côa, que o autor aliás subscreve, é proposta também baseada em analogias estilísticas com arte pertencente ao vasto registo ruprestre da Europa Ocidental, nomeadamente de França e Espanha, e datada por vários métodos (Baptista, 2009, pp. 166-171; Santos, 2012, pp. 43-44). É que a comparação estilística é um exercício interpretativo, logo subjectivo, mas não menos efectivo ou plausível...

Cumulativamente, será complexo sustentar que muitas das Rochas de fase antiga situadas a cotas mais elevadas do que o leito do rio, tenham sido cobertas por aluviões e/ou coluviões, nomeadamente as Rochas 6 ou 7 da Penascosa, 13 da Ribeira de Piscos, praticamente todas da Quinta da Barca, assim como da Canada do Inferno. Refira-se que Rebelo e Cordeiro sugerem que nalguns casos há indícios relevantes duma “não regularização (das superfícies gravadas) por depósitos periglaciares e uma manutenção até agora, apesar do último pico de frio do Tardiglaciar e das acções erosivas posteriores” (1997, p. 101). É ainda mencionada especificamente a Rocha 15 da Canada do Inferno “onde as marcas da actuação do gelo são tão fortes que não deixam dúvidas quanto à sua exposição durante um pico de frio muito intenso que (...) não será fácil aceitar como localizado em tempos históricos” mas sim de cronologia Tardiglaciar ou mesmo “dos últimos tempos (...) do Pleniglaciar superior” (*ibidem*).

Como foi já notado por outros autores (Reis, 2011), de um modo geral, os afloramentos localizados em vertentes expostas a NW apresentam hoje uma menor qualidade das suas superfícies, nomeadamente no que concerne à disponibilidade de áreas ‘mais’ passíveis de serem gravadas. Conquanto se tenham de considerar questões de preservação diferencial das superfícies (gravadas ou não) expostas a NW e localizadas em vertentes com a mesma orientação *vs.* aquelas orientadas a SE, tal poderá indicar uma escolha deliberada de afloramentos. Não uma escolha apenas determinada por razões culturais *lato sensu*, como também pela própria disponibilidade, no período Graveto-Solutrense, de painéis considerados como possuindo os atributos físicos necessários para uma gravação efectiva e minimamente perene, nomeadamente *Qualidade*.

3.3.2. Acessibilidade/Articulação com cursos de água

A maioria dos afloramentos de arte rupestre da fase antiga localiza-se a cotas baixas, nas margens do Côa, ou dos seus tributários, nomeadamente a Ribeira de Piscos (Fernandes, 2014, pp. 4-11). Como já mencionado, foi o estabelecimento da bacia hidrográfica que determinou a existência de diáclases ao ar livre passíveis de serem utilizadas pelos gravadores do Côa. Duma forma geral, é possível verificar a existência de afloramentos desde altitudes mais elevadas até ao fundo do vale (*ibidem*). Obviamente, dependendo

da génese e configuração específica de cada encosta que na zona do PAVC forma o curso meândrico do Côa, e seus afluentes, existem áreas com mais ou menos afloramentos, situados a cotas baixas, a meia-encosta ou no topo, ou muito perto do topo, das vertentes (*ibidem*, pp. 76-84, 100-101). O facto de existirem muito mais afloramentos gravados da fase antiga junto às linhas de água não é encarado como sendo em si uma escolha ‘cultural’ (muito menos enquadrada por uma qualquer intenção ‘ritualista’ ligada a um hipotético ‘culto da água’), mas talvez mais explicável pela mais fácil acessibilidade das superfícies rupestres, tendo em conta que as linhas de água formam trilhos naturais, como já sugerido noutra ocasião (Fernandes 2012). Apesar de nem sempre estes caminhos serem fáceis de percorrer – veja-se a zona mais setentrional do PAVC, o desfiladeiro em terrenos graníticos da Faia onde os grandes blocos de granito tornam a progressão lenta, exigente e mesmo perigosa – o troço final do Côa implantou-se sobre terrenos xistosos mais ‘dúcteis’, criando uma paisagem de pendentes mais suaves e margens mais ou menos abertas e suaves onde poucos obstáculos naturais, para além do fluxo do rio, existem. O granítico Núcleo de Arte Rupestre da Faia será mesmo um caso paradigmático acerca da relação entre acessibilidade e cota baixa dos painéis gravados, já que apesar das dificuldades de acesso, arte rupestre da fase antiga foi gravada muito próxima das margens do rio, e não acima, em zonas mais elevadas dos paredões quase verticais e muito difíceis de alcançar, mesmo com o auxílio de andaimes, que se alteiam desde o leito do rio até aos planaltos cimeiros de ambas as margens do Côa. Por outro lado, o facto de se ter escolhido a Faia granítica, para além das margens xistosas menos declivosas do troço imediatamente final do Côa, para a inscrição de motivos rupestres de fase antiga a uma cota baixa, nas margens do trilho natural que o rio constitui, remete para outra interpretação da importância cultural da localização dos afloramentos gravados: a dos motivos terem sido feitos para terem um grau elevado de visibilidade, para servirem como *media* para a difusão duma determinada mensagem (ou de várias) contida(s) nos símbolos escolhidos para serem tema da arte do Côa (e, em grande medida, da arte doutros sítios de arte rupestre em gruta ou ao ar livre da mesma cronologia), os mais impressionantes (quer pelas dimensões, quer pelo comportamento) herbívoros na altura existentes na região (Fernandes, 2016a; no prelo).

3.3.3. Articulação com atributos do entorno

Para além da aparente correlação com cursos de água, vários autores referem a articulação da arte rupestre com outros atributos individuais e notáveis da paisagem, como sejam grutas, abrigos naturais, árvores de grande porte, nascentes aquíferas, montes ou colinas, pequenos cabeços ou blocos rochosos de formas mais ou menos sugestivas (ver, por exemplo, Nash & Chippindale, 2004). No caso específico do Côa, assim como de outros sítios com arte rupestre pré-histórica ao ar livre, será extremamente difícil estabelecer a existência de árvores junto às superfícies gravadas aquando da realização de motivos rupestres. Já outros atributos, no caso concreto do Côa, não parecem ter desempenhado papel algum, já que não existem grutas na região, pois o substrato rochoso não é conducente à sua formação. Tão pouco se poderá vislumbrar alguma ligação entre a arte rupestre de fase antiga do Côa e nascentes aquíferas. Quanto a blocos e pequenos cabeços rochosos, para além dos próprios afloramentos xistosos, cuja própria existência foi condição *sine qua non* para execução de gravações, verifica-se que na zona granítica mais setentrional do PAVC, nos planaltos que encimam o curso do Côa existem várias aglomerações de blocos de dimensões variáveis marcando de forma visível a paisagem, na zona compreendida entre Almendra e Algodres. No entanto, até ao momento, nenhuma gravura da fase antiga foram identificadas nesses blocos. Já no que respeita a abrigos, se nas zonas xistosas localizadas imediatamente antes da foz do Côa praticamente não existirão abrigos naturais, no já mencionado Núcleo de Arte Rupestre da Faia, sobrevivem motivos de fase antiga em abrigo criado pela configuração precisa de trechos das paredes graníticas verticais que ladeiam o curso do Côa. Contudo, como será sugerido pelo caso da Rocha 6 da Faia, onde um motivo da fase antiga sobrevive numa reentrância do substrato rochoso *vs.* outros motivos vizinhos muito similares (de fase antiga, de estilo idêntico e representando o mesmo animal, o auroque) que, tudo o leva a crer, se perpetuaram até ao presente completamente ao ar livre (Fernandes & alii, 2017, Figuras 11 e 12), este não é um caso de preservação diferencial.¹⁰ Embora seja

10. Pelo menos no que diz respeito aos motivos gravados e seu suporte, já que os traços pintados ainda patentes nesta rocha sobreviveram em melhores condições na zona abrigada, apesar de ainda serem discerníveis a olho nu na zona desabrigada.

de valorizar a existência das superfícies abrigadas da Faia onde sobrevivem motivos gravados e pintados da fase antiga, sugere-se como factor determinante na escolha da Rocha 6 o *Potencial para a integração de formas naturais pré-existent nos motivos rupestres (ibidem)*, assim como, em menor grau, a localização na margem do Rio Côa. Por último, considera-se a sugestão de Baptista, Santos & Correia (2008a) relativamente à importância que os montes do Fariseu e de S. Gabriel terão desempenhado na “estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense” (*ibidem*, p. 38) dos três sítios localizados rodeando a sua base a S, E e N (respectivamente, Ribeira de Piscos, Fariseu e Vale Figueira; ver *ibidem*, Figura 2), como fundamentada. Assim, será plausível ver na saliência paisagística destes montes (ao quais de poderia juntar a Penascosa-monte, ver Baptista, 2009, p. 172) um factor de escolha destas três áreas como apropriadas para a inscrição de arte rupestre. Contudo, esta asserção aplicar-se-á apenas à escala local do *sítio de arte rupestre*, e não na escala micro-local de escolha específica dos *afloramentos a gravar*.

3.3.4. Proeminência/Localização proeminente

Será importante definir o que se entende por proeminência e localização proeminente numa superfície rupestre do Vale do Côa, já que se crê que estes dois atributos não serão totalmente idênticos. Assim, para além da questão do volume, acima examinada e marginalmente valorizada na presente análise, sugere-se que o facto numa rocha se encontrar relativamente isolada, sobressaindo das restantes, lhe conferirá um destaque vincado e assim maior visibilidade. Embora questões de preservação diferencial possam, mais uma vez, truncar a compreensão contemporânea de como as rochas e seu entorno imediato se apresentavam em momentos Gravetto-Solutrenses, verificam-se algumas instâncias em que será possível observar que não muito terá sido perdido no que se refere ao afloramento total (não relativamente a perdas parciais em secções dos próprios afloramentos) no decurso dos milénios. Tal é o caso do entorno e dos afloramentos relativamente isolados constituídos pelas Rochas 3 e 5 da Penascosa, 1 da Canada do Inferno, 1 da Ribeira de Piscos, 1 de Vale Figueira (ver Baptista, 2009, p.110-111) ou 1 do Fariseu.

Por seu turno, a localização proeminente é entendida como sendo conferida pela associação com determinadas características topográficas como se-

jam as bocas de cursos de água ou pequenos promontórios/recôncavos marginando rios e ribeiras. Também neste caso é possível observar que muitas das rochas gravadas de fase antiga se encontram localizadas junto destes acidentes geográficos, como sejam os casos das Rochas na foz da própria Canada do Inferno (ver *ibidem*, pp. 42-43), 13 da Ribeira de Piscos, 1 e 2 da Quinta da Barca (ver *ibidem*, pp. 170, 150-151, respectivamente) ou 1 e 7 do Fariseu. Neste caso particular, as questões de preservação diferencial não serão de todo impeditivas de considerar este factor, já que será razoável afirmar que estes atributos, especialmente as fozes dos cursos de águas, se terão mantido muito pouco inalterados, ou mesmo de todo, na sua configuração desde o Graveto-Solutrense. Este atributo, no que respeita às bocas dos cursos de água, deverá ser considerado conjuntamente com a *Acessibilidade/Articulação com cursos de água*, uma vez que as embocaduras dum curso de água se constituem também como uma confluência e/ou encruzilhada de *trilhos*.

3.3.5. Propriedades acústicas/de ressonância do entorno

Este é um atributo que tem sido insistentemente referido nos últimos anos, nos casos de sítios ao ar livre, sob abrigo ou em gruta (Fazenda & *alii*, 2017). De um modo geral, o autor tem reservas relativamente à preponderância ou não deste atributo na escolha de superfícies de arte rupestre, aliás confirmadas pelo artigo acima citado. É que todas estas localizações, e tal será evidente no caso de grutas e abrigos como também de sítios ao ar livre se consideramos a sua localização no fundo de vales bem encaixados, ou mesmo de desfiladeiros, como no caso do Côa, pressupõem, logo à partida, a existência de qualidades de reverberação sonora nestes entornos. Assim, se um dado entorno possui no seu todo propriedades de ressonância, como será possível individualizar apenas as zonas específicas onde existem painéis de arte rupestre? Para aquilatar acerca de diferenças vincadas nas qualidades de ressonância entre zonas com e sem arte rupestre será necessário realizar medições deste atributo em toda uma gruta, um abrigo ou corredor ribeirinho onde, nalgum ponto particular existem motivos artísticos. Ora, se estudos realizados acerca da arte em gruta sugerem uma correlação entre as propriedades acústicas de zonas bem delimitadas e a existência de motivos artísticos (Waller, 1993), casos de estudo em sítios ao ar livre

pecam por apenas terem realizado medições nas zonas imediatas onde se localizam painéis de arte rupestre (ver, por exemplo, Diaz-Andreu & García Benito, 2012). No caso concreto do Vale do Côa, localizando-se os sítios de arte rupestre de fase antiga ao longo dum corredor ribeirinho relativamente extenso, o facto de alguns serem contíguos tornará problemática a particularização das qualidades acústicas/de ressonância de cada.¹¹ Por outro lado, a existência de afloramentos graváveis em tempos Graveto-Solutrenses não se terá verificado ao longo de todo este corredor ribeirinho. De qualquer modo, no futuro próximo estão previstas medições preliminares das qualidades acústicas dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa. Note-se ainda, que sendo possível medir qualidades vincadas e individualizáveis de ressonância nos sítios de arte rupestre do Vale do Côa, questões de preservação diferencial poderão ser relevantes, pois se se poderá afirmar que a configuração do entorno que conferirá essa propriedade existe, de forma pouco alterada, ou mesmo de todo, desde há mais de 20.000 anos, tal poderá não ser aplicável à escala micro-local do afloramento.

4. CONCLUSÃO

De todos os factores examinados, crê-se que os seguintes poderão ser considerados como tendo desempenhado um papel na escolha de afloramentos a gravar: *Volume, Proeminência, Acessibilidade/Articulação com cursos de água, Orientação cardinal, Existência prévia de motivos, Potencial para a integração de formas naturais pré-existentes nos motivos, Articulação com atributos do entorno (Montes), Localização proeminente e Qualidade*.¹² Obviamente, os factores identificados poderão ter actuado cumulativamente, como demonstra o facto das Rochas a que se aludiu como exemplos terem sido mencionadas em vários dos itens listados. Por outro lado, dever-se-á notar que os atributos, em acção conjunta, parcial ou total, ou individual, aqui considerados não deverão ser considerados como tendo determinado a escolha de superfícies a gra-

11. Isto embora se verifique também a existência, na arte de fase antiga, de hiatos espaciais relevantes, como por exemplo entre a Penascosa/Quinta da Barca e a Ribeira de Piscos/Fariseu/Vale Figueira.

12. A verificação de mensurabilidade das *Propriedades acústicas/de ressonância do entorno* aguarda trabalho de campo.

var em *todos* os casos de afloramentos com Arte do Côa da fase antiga. Este estudo é apenas uma análise preliminar, sendo por ora impossível apresentar dados relativos à percentagem de Rochas com arte Graveto-Solutrense em que os factores de escolha discutidos podem ser considerados como relevantes. Finalmente, realce-se que nunca se entendeu a não aleatoriedade na escolha dos afloramentos a gravar em tempos Graveto-Solutrenses puramente como uma questão *Natureza vs. Cultura*, ou muito menos se propôs motivações ritualistas guiando intentos artísticos, logo *culturais*.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca; BERGADÀ, Mercé; SAMPAIO, Jorge; SELLAMI, Farid (2010) – Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): Implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*. Londres. 37, pp. 3306-3319.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; DIMUCCIO, Luca (2012) – Nature vs. Culture: Present day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. Londres. 39, pp. 848-866.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; DIMUCCIO, Luca (2017) – Porque é que a arte do Coa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Coa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, 2014-2015, pp. 133-174.
- BAHN, Paul (2016) – *Images of the Ice Age*. Oxford: Oxford University Press.
- BAPTISTA, António Martinho (2009) – *O paradigma perdido: o Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- BAPTISTA, António Martinho; GARCÍA DÍEZ, Marcos (2002) – L'art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal): La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In *L'art paléolithique à l'air libre: Le paysage modifié par l'image*. Saint-Estève, France: GAEP/GÉOPRE, pp. 187-205.
- BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás; CORREIA, Dalila (2006) – Da ambiguidade das margens na grande arte de ar livre no Vale do Côa: Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão*. V. N. Foz Côa. 8, pp. 156-184.
- BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás; CORREIA, Dalila (2008a) – Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa). In *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, vol. 1*. Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 38-61.
- BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás; CORREIA, Dalila (2008b) – O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do Bestiário Gravettense e/ou Gravetto-solutrense. In *Arte Prehistórica al aire libre en el Sur de Europa*. Salamanca: Junta de Castilla y León, pp. 89-144.
- BEDNARIK, Robert (1994) – A taphonomy of palaeoart. *Antiquity*. Cambridge. 68: 258, pp. 75-82.
- BRADLEY, Richard (2000) – *An archaeology of natural places*. London: Routledge.
- DIAZ-ANDREU, Margarita & GARCÍA BENITO, Carlos (2012) – Acoustics and Levantine rock art: Auditory perceptions in La Valltorta Gorge (Spain). *Journal of Archaeological Science*. Londres. 39, pp. 3591-3599.
- FAZENDA, Bruno; SCARRE, Chris; TILL, Rupert; JIMÉNEZ PASALODOS, Raquel; ROJO GUERRA, Manuel; TEJEDOR, Cristina; ONTAÑÓN PEREDO, Roberto; WATSON, Aaron; WYATT, Simon; GARCÍA BENITO, Carlos; DRINKALL, Helen; FOULDS, Frederick (2017) – Cave acoustics in prehistory: Exploring the association of Palaeolithic visual motifs and acoustic response. *The Journal of the Acoustical Society of America*. Nova Iorque. 142:3, pp. 1332-1349.
- FERNANDES, António Batarda (2012) – Orientação da arte rupestre do Vale do Côa: Um caso de estudo na distribuição espacial da arte paleolítica ao ar livre. In *Trabalhos de Arqueologia 54*. Lisboa: DGPC, pp. 261-272.
- FERNANDES, António Batarda (2014) – *Natural processes in the degradation of open-air rock-art sites. An urgency intervention scale to inform conservation: The case of the Côa Valley world heritage site, Portugal*. Oxford: Archaeopress.
- FERNANDES, António Batarda (2016a) – The fate of a thinking animal: the role of Upper Palaeolithic rock-art in mediating the relationship between humans and their surroundings. In *Archaeology with Art*. Oxford: Archaeopress, pp. 13-32.
- FERNANDES, António Batarda (2016b) – Orientação das vertentes e conservação de arte rupestre: dados meteorológicos preliminares acerca do complexo de arte rupestre ao ar livre do Vale do Côa. In *Estudos Pré-Históricos 18: Actas da II Mesa-Redonda Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 19-40.
- FERNANDES, António Batarda (2017) – Paul G. Bahn. Images of the Ice Age. Third Edition, 2016. *European Journal of Archaeology*. Cambridge. 20: 2, pp. 375-379.
- FERNANDES, António Batarda (no prelo) – The entrapment of art: rock-art, order, subversion, creativity, meaning and the appeal of illusive imagery. *Open Archaeology*.

FERNANDES, António Batarda; REIS, Mário; ESCUDERO REMIREZ, Cristina; VÁZQUEZ MARCOS, Carlos (2017) – Integration of natural stone features and conservation of the Upper Palaeolithic Côa Valley and Siega Verde open-air rock-art. *Time and Mind*. 10: 3, pp. 293-319.

JORGE, Vítor Oliveira (2003) – Algumas reflexões em torno da arte rupestre do Centro-Interior do país, com principal referência ao Côa. In *A irrequietude das pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo*. Porto: Afrontamento, pp. 117-136.

KHADER, Jamil (2013) – Zizek now or never: Ideological critique and the nothingness of being. In *Zizek Now: Current Perspectives in Zizek Studies*. Cambridge: Polity Press, pp. 3-15.

LEROI-GOURHAN, André (1992) – *L'art pariétal: Langage de la préhistoire*. Grenoble: Jérôme Millon.

MARQUES, Joana; HESPANHOL, Helena; PAZ-BERMÚDEZ; Graciela; ALMEIDA, Rubim (2014) – Choosing between sides in the battle for pioneer colonization of schist in the Côa Valley Archaeological Park: a community ecology perspective. *Journal of Archaeological Science*. Londres. 44, pp. 196-206.

NASH, George; CHIPPINDALE, Christopher (2004) – *Pictures in place: The figured landscapes of Rock-Art*. Cambridge: Cambridge University Press.

REBELO, Fernando; CORDEIRO, Rochette A. M. (1997) – A geomorfologia e a datação das gravuras de Foz Côa – Metodologia e desenvolvimento de um caso de investigação científica. *Finisterra*. Coimbra. 32:63, pp. 95-105.

REIS, Mário (2011) – Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In *Actas do V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, pp. 11-124.

RODRIGUES, José Delgado (2003) – Histórias com água e pedras. Nem sempre mole, nem sempre duras. In *A Geologia de Engenharia e os recursos geológicos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 419-435.

SANTOS, André Tomás (2012) – Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual. In *Trabalhos de Arqueologia* 54. Lisboa: DGPC, pp. 39-67.

STEINBRING, Jack (1992) – Phenomenal attributes: site selection factors in rock art. In *American Indian Rock Art* 17. Tucson: American Rock Art Research Association, pp. 102-113.

WALLER, Steven (1993) – Sound reflection as an explanation for the content and context of rock art. *Rock Art Research*. 10:2, pp. 91-101.

ZIZEK, Slavoj (1989) – How did Marx invent the symptom? In *The sublime object of ideology*. London: Verso Books, pp. 11-54.

